certo de que ela se infiltrou em toda a tradição da história literária portuguesa e que, ora de uma forma implícita, ora explícita, impôs os juízos críticos em que se fundamenta o cânone da literatura portuguesa.

Como consequência natural de sua perspectiva, propõe a reconfiguração do cânone, numa tentativa de recuperar os sentidos que o texto dita, de interpretar e valorizar sentidos possíveis apenas num «país sem pátria», na expressão de Ruy Belo, e em que Camões não seja o centro de toda uma construção patrioticamente orientada.

O leitor poderá encontrar pontos menos claros, ou até de interpretação contestável, na argumentação e na fundamentação de Hélio Alves, escondidos num discurso impositivo que, talvez mercê da força das convicções do autor, nem sempre toma em consideração o contra-argumento. Poderá continuar convencido de que a cultura portuguesa não é uma «misteriosa entidade», ou que os meandros complexos de uma personalidade, as suas dúvidas e contradições não impedem a unidade intrínseca de uma obra e de um autor. Poderá até interrogar a pertinência do critério estabelecido nesta perspectiva comparatística da literatura portuguesa, quando considerar o conjunto de autores e obras proposto para integrar ou abandonar o cânone. Mas, mesmo assim, este leitor não deixará de reconhecer que cada estudo vale por si e pelo desafio que lança, pela intuição e pela argúcia de um crítico muito bem informado,

que não se conforma com os quadros da tradição estabelecida e com a repetição mecânica dos lugares-comuns.

Maria do Céu Fraga

ESTAR ENTRE

GABRIEL MAGALHÃES

Salamanca, Celya, 2007

Sob este título para o qual o próprio autor começa por chamar a atenção chamando-lhe «porventura enigmático», reúne Gabriel Magalhães um conjunto de ensaios, que mostram «o fundamental de quase dez anos de investigação», de que exclui a tese de doutoramento, — *Garrett e Rivas: o romantismo em Espanha e Portugal* — que está a ponto de aparecer em publicação independente.

Em nota de abertura, pois, explica o autor a organização do livro, as circunstâncias dos textos que o compõem e até o «enigmático» do título, explicações que, por agora, apenas me limito a parafrasear. O livro divide-se em duas partes, correspondentes a dois eixos de trabalho: um, o estudo das relações entre Portugal e Espanha, a que chama «Espelhos Ibéricos»; outro, os «encantamentos» por textos da literatura portuguesa, «fascínios literários». Tendo vivido e estudado nos dois países, Gabriel Magalhães auto-apresenta-se como «um centauro ibérico»: mas, cuidado, «um centauro ibérico português», que afirma a «inexplicável convicção da sua lusitana nacionalidade». Estaria

aqui uma primeira explicação do título mas o leitor atento e prescrutador, como é bom que o seja qualquer leitor, encontrará outros «entre-estares» (que não entre-lugares) ao longo deste livro que, pelo demais, plasma bem a condição ensaística do professor universitário português: salvo raras excepções – que o são quase nunca por bons motivos – o ensaísta docente universitário está obrigado a isto: compilar ensaios, mais ou menos curtos, mais ou menos de circunstância, mais ou menos dispersos, elaborados na pressão de um congresso ou algo similar, sem tempo nem disponibilidade para, de facto, se dedicar e concentrar num trabalho de investigação e de escrita de fôlego. Aqui, essa «circunstância» é aproveitada diria eu, positivamente, já que, com ela, o autor mostra a diversidade de abordagens a que as relações literárias internacionais podem, com vantagem, ser submetidas.

Licenciado em Estudos Portugueses e Espanhóis na Faculdade de Letras em Lisboa, Gabriel Magalhães doutorou-se na Universidade de Salamanca, onde também exerceu a docência, tendo, nos últimos anos, desenvolvido a sua actividade na Universidade da Beira Interior onde, com destacado empenho, tem dinamizado a área dos Estudos Espanhóis e coordenado o projecto de investigação RELIPES – «Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade».

Gabriel Magalhães tem, além do mais, o talento de escrever bem (em

2006, foi-lhe outorgado o prémio revelação da APE, na categoria de ficção), o que dá a este seu livro de ensaios a dimensão suplementar, e sempre atractiva, da leitura prazenteira, e a ousadia das opiniões pessoais e nem sempre complacentes com os tópicos ou modas das teorias em voga.

Este «estar entre» do autor é, assim, um estar (e, segundo as próprias palavras, «viver») entre duas línguas, duas literaturas, duas terras, dois públicos ouvintes ou leitores (o português e o espanhol) mas é também o de estar dentro da instituição académica e nas margens dela, o de estar dentro da teoria e de a criticar quando lhe parece. Mas há, como veremos, mais de estes «estar entre»... Assim, logo no início, no ensaio «Garrett e Rivas: dois românticos peninsulares», lemos-lhe uma afirmação de princípios: «por estranho que pareça, devemos avisar que esta investigação não se quer inscrever nos territórios algo pantanosos da literatura comparada –porque, em realidade, não se sente identificada com os vários pressupostos das várias tendências que se entrecruzam e digladiam nesta disciplina»(p.13). Curiosamente, mais adiante, o leitor depara-se com o ensaio intitulado «El espejo ciego. Un estudio comparativo de las literaturas portuguesa y española durante los reinados de Maria I de Portugal (1777-1816) y Carlos IV de España (1788-1808)», aqui publicado pela primeira vez, que abre, ademais, com as seguintes palavras: «El objetivo de este texto es estudiar

comparativamente las literaturas portuguesa y española de finales del siglo XVIII e inicios del XIX» (p. 95), tendo, imediatamente, o cuidado de formular com toda a clareza as perguntas que o guiam, as reflexões metodológicas sobre os «obstáculos» inerentes ao estudo que realiza, os métodos que segue, o percurso da exposição, a explicitação das condicionantes do seu trabalho. Uma «vocação» didáctica e reflexiva presente em todos os estudos que nos oferece neste livro.

O certo, pois, é que Gabriel Magalhães mostra, igualmente, nesta compilação, uma diversidade de abordagens, desde a «comparação» histórica – no plano literário, cultural e político – dos romantismos português e espanhol, até ao «trabalho de campo» no estudo de «aspectos fonéticos e fonológicos do português produzido por falantes do castelhano e de outras línguas ibéricas», esta vez no artigo «Vozes da Península e da América em Portugal» (pp. 77- 94).

O certo ainda é que, neste conjunto de estudos sobre as relações literárias (e linguísticas) entre Portugal e Espanha que constitui a primeira parte do seu livro, e também recorrendo aos estudos da reescrita dos mitos clássicos, não só aprofunda, com erudição e arguta caminhada analítica, aspectos fundamentais dos romantismos peninsulares e das suas relações. Propõe-nos igualmente perspectivas e pressupostos teóricos – a que eu, talvez «malgré lui», não duvidaria em chamar comparatistas, de ineludível operatividade, tais como isso

a que chama «*uma perspectiva desassombradamente ibérica*», por exemplo, com o objectivo de «*saber se é possível identificar diferenças radicais entre o romantismo espanhol e o português ou se, pelo contrário, existirá uma categoria teórica única a que deveremos dar a perigosa designação de romantismo peninsular*» (p. 14). Profundo conhecedor da obra de Garrett e de Rivas, e do que as une e separa, o autor aprofunda aqui, e convincentemente argumenta, o «ecletismo» destes romantismos, já antes apontado por Peers, indo mais longe para nos mostrar como o romantismo, também ele, *está entre* o classicismo e o modernismo, deitando mais umas quantas achas para a fogueira da historiografia literária peninsular a juntar às que Jorge de Sena e Eduardo Lourenço, com maior ou menor vontade de polémica e de revisão dos tópicos herdados, tinham já lançado sobre a natureza afinal pouco «romântica» do nosso romantismo. Assim, moderado, em palavras de uns, «renegado» ou «realista» na de outros, e recorrendo a rentabilíssimas metáforas (teórico-metodológicas), GM conclui num dos seus ensaios que: «O romantismo na Península é uma excursão que se faz e da qual se regressa: onde verdadeiramente se reside é nas ruínas de Pompeia. É entre estas ruínas próximas e o vulcão distante – nesta situação dilacerante de viver entre dois desastres – que se constroem como um drama ou uma comédia os romantismos ibéricos» (p. 43).

Na segunda parte do livro, estão os tais fascínios literários de Gabriel Ma-

galhães, agora, a sós com os portugueses: de novo, Garrett, mas também Eça de Queirós, Fernando Pessoa, António Nobre, Mário Cláudio, Saramago. De novo, a diversidade nas abordagens: da estilística para o texto queirosiano à «psicanalítica» para Pessoa. Uma forte dimensão autobiográfica do ensaísta – como aluno, professor ou escritor, desde o próprio título («A sós com Pessoa») até às reflexões sobre a relação docente (da sua como aluno, com várias homenagens a alguns dos seus professores, e da sua como professor) marca esta segunda parte. Assim, o fascínio pelo modo como Pessoa, «ser entre» a loucura e a razão, genialmente põe aquela ao serviço desta. E mais «ser entre»: Eça, na encruzilhada do seu «poeta lírico», Pessoa como síntese entre «um herói e um maltrapilho», Mário Cláudio, entre a literatura e as outras artes, ou/e entre a ficção e a história, para construir «a beleza». (E, aqui, permitam-me destacar a inabalável honestidade intelectual de Gabriel Magalhães. Tal e tanta que o leva a informar em nota de pé de página que determinada ideia e sua expressão a «herdou» de uma aula de Maria Lúcia Lepecki (p. 209). Que bom seria que outros o imitassem!).

No contexto da leitura do *Só*, confessa a incomodidade que, no termo «literatura», lhe causa a sua «excessiva historicidade» (p. 186), preferindo a essa a designação de «escritura», deste modo exaltando nela um sentido mágico e profético, no que a alguns leitores nos

há-de parecer a reivindicação de um sentido sacralizador, ou simplesmente sagrado, da literatura.

Mas o livro não termina aqui, nesta segunda parte dedicada a escritores portugueses. No último ensaio – e não devemos pensar que a sintaxe do livro é aleatória – Gabriel Magalhães volta (surpreendentemente?) ao espanhol – e ao século XIX – com o ensaio «Rivas e Itália, e é com este que fecha o seu livro. Antes, Nobre já o levava a afirmar como um «nosso velho pecado português – que é a nossa marginalidade: *o carácter periférico e longínquo do nosso ser cultural*» (p. 192). Agora, recorre ao estudo de Rivas e do seu percurso italiano para recordar como «os estudiosos» têm «esquecido» «quase por completo os contactos existentes entre os vários romantismos do sul da Europa» (p. 219), com a consequente marginalização das penínsulas do sul na historiografia literária do centro da Europa – e eurocêntrica essa historiografia, permita-se-me a mim dizê-lo... Com este seu ensaio Gabriel Magalhães contribui, sem dúvida, a esse «estudo comparativo» destes romantismos que, como reafirma em «Epílogo», «está em grande parte por fazer». E contribui também, ao longo de todo este seu livro – com rigor, erudição, talento, e uma particular personalidade interpretativa – para o conhecimento das relações interliterárias e interculturais entre Portugal e Espanha.

Maria Fernanda de Abreu